

Nuno Miguel Neves

Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado

(texto de apresentação de *AcTO da FALhA*, 18 de julho de 2024, Coimbra)

Agradecimentos. Desde logo ao Liquidambar pelo acolhimento da apresentação. À incansável Catarina Pires, pela organização do evento. Estou certo que um dia, quando se vier a fazer a história da programação e produção cultural na cidade de Coimbra, ela será (já é) uma referência incontornável. Ao público, também, pela presença e por fim ao Américo. Um duplo agradecimento, na verdade. Desde logo pelo convite para assumir esta apresentação e, em segundo lugar, pelo novo trabalho. Sou um fã confesso do trabalho do Américo e aguardo sempre com a maior expectativa aquilo que nos vai trazendo.

Embora o trabalho de Américo Rodrigues não se esgote na poesia sonora (sobre esta(s) questão/ões, e sobre a amplitude do seu trabalho, recomendo um vídeo, que eu próprio gravei com o colega e amigo Tiago Schwabl, aqui mesmo em Coimbra, intitulado “Um Ovni na Guarda”, que pode facilmente ser encontrado no youtube) é esta a vertente do seu trabalho que aqui nos traz hoje num dia particularmente importante para estas coisas do som. 18 de Julho é, precisamente, o Dia Mundial da Escuta. A data celebra o aniversário de Murray Schaefer autor de conceitos como *soundscape* que permitiu, do ponto de vista teórico, recentrar a atenção deslocando-a para o campo da sonoridade e não da visualidade. Uma data perfeita, portanto, para podermos falar um pouco deste *AcTO DA FALhA*.

Tal como todos os seus trabalhos anteriores, e são vários — *Lâminas, ossos e lixo* (1997); *Despertar do funâmbulo* (2000); *Escatologia* (2003); *Trânsito Local/Trânsito Vocal* (2004); *Aorta Tocante* (2005); *Cicatriz:ando* (2009); *Porta-Voz* (2014); *Parlatório* (2018) — para além de um conjunto vasto de poemas dispersos e performances um pouco por todo o mundo, estamos perante um trabalho único (como todos os que apresentou anteriormente) que no coloca perante múltiplas questões, dúvidas, interrogações, hesitações, inquietações, que não só não são de resposta fácil como não são de resposta unívoca. Tentemos pois algumas observações e considerações sobre *AcTO da FALhA*.

Note-se que nesta escrita, e isso é mais evidente na lombada da capa, quer o c de Acto, quer o h de falha são escritos em minúsculas o que introduz na nomeação possibilidades combinatórias que multiplicam a interpretação do título. Começemos pois por uma ponta. “Acto de Fala”, a remeter de imediato para John Austin, filósofo da linguagem, que cunha a expressão e trabalha demoradamente sobre aquilo a que veio a chamar precisamente Atos de Fala, isto é, o “texto” como enunciado performativo, pragmático. Podemos portanto supor que Américo Rodrigues nos propõe, mais do que um trabalho poético (ou a par dele), um plano de acção. Contudo, o plano não é, não pode ser e Américo Rodrigues sabe-o bem, imune ao erro ou, na designação aqui utilizada à Falha. A questão aqui colocada, bom, uma entre muitas, é precisamente essa, qual a distância entre a Fala e Falha? O que nos leva a uma outra referência, do campo da Psicologia ou da Psicanálise, a Freud e a teoria dos atos falhados, *lapsus linguae*. Há ainda uma terceira conexão, que me parece ser possível inferir a partir do título, e que se prende com Erving Goffman, e a sua obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. A Fala como lugar de encenação, a vida como palco e performance, o quotidiano como lugar de representação e interpretação permanentes.

Resta pois saber que falha é esta, cuja natureza é indistinta. Por algum motivo, uma das primeiras ideias que me veio à cabeça, ao olhar para este segundo elemento, prende-se com falhas sísmica, o que pode, também, fazer algum sentido. Desta tectónica linguística, das palavras como continentes intermeados por falhas, resulta uma vibração, uma fricção, um tremor. Steve McCaffery, poeta sonoro e académico canadiano, designa este fenómeno como “the rumble beneath the word [...]”. Permitam-me que vos leia uma breve definição da Wikipedia sobre esta questão: “Placa tectónica (português brasileiro) ou tectónica (português europeu) é uma porção da litosfera limitada por zonas de convergência, zonas de subducção e zonas conservativas. Segundo a teoria da tectónica de placas, as placas tectónicas são criadas nas zonas de divergência, ou "zonas de rifte", e são consumidas em zonas de subducção. É nas zonas de fronteira entre placas que se regista a grande maioria dos terremotos e erupções vulcânicas.”. Repare-se como estes fenómenos de convergência ou subducção parecem permitir uma análise do que acontece na poesia sonora e das múltiplas forças e energias que aí se debatem.

Retomo uma ideia do belíssimo texto que José Alberto Ferreira apresentou a propósito deste mesmo disco em Lisboa, em maio passado. Dizia José Alberto Ferreira: “Acontece alguma coisa de diferente quando ouvimos um registo áudio. E acontece alguma coisa de

diferente quando produzimos um disco de poesia”. Eu acrescentaria: A diferença acentua-se quando o disco é de poesia sonora e acontece algo ainda mais extraordinário quando a poesia sonora é da autoria de Américo Rodrigues.

De resto, e no sentido de atenuar ou de prevenir o ouvinte para esta diferença, e para que não se sinta ele defraudado nas suas expectativas, julgando estar a adquirir o mais recente disco da poesia-zinha nacional, é o próprio CD que nos diz ao que vem o álbum quando elenca os recursos aqui utilizados:

sons da fal(h)a línguas imaginárias lamentações canções de amamentar gritos sussuros linguagem alienígena duetos com linces cegos estalidos  
como a língua aos brios localidades sopradas salivões respiroses rezas selvagens pequenas mortes poesia fonética da ruídoismos glosolalias  
letrismo ecolalias concretismo vociferações terrorismo fonético contadições eros fakes e falhas...

Uma verdadeira bula das contraindicações e efeitos primários e secundários da farmacopeia poética de Américo Rodrigues. Aliás, em “Declaração”, a faixa final do CD, o tom declarativo de Américo Rodrigues, incomum diria, não deixa margem para dúvidas sobre o que esperar deste novo trabalho: “O que me pedem? Silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio. O que ofereço? Ruído. Ruído. Ruído. Ruído.”. Este lugar de recusa, é aliás tópico comum na obra Rodriguiana (Rodriguiano parece-me melhor que Americano...) e é já indiciada noutra faixa deste álbum, “Contratempo” em que se ouve: “Contradigo/ Contra digo/ Digo-me contra [...]”. E não é que o tema da recusa seja novo nos trabalhos de Américo, é apenas a forma como ela é enunciada, evitando tanto quanto possível o equívoco, a falha, usando a repetição como reafirmação do sentido mais do que como ferramenta para a multiplicação e desdobramento de possibilidades, que surpreende.

Há um outro aspeto que me parece interessante referir. O disco representa, de alguma forma, depois da viagem de “Parlatório” o álbum anterior de Américo Rodrigues, um regresso às origens, como comprova, por exemplo, “Atraczug”, faixa dedicada a Isidore Isou, nome incontornável do Letrismo e do experimentalismo francês do pós-guerra. Poesia Fonética, uma verdadeira viagem — já Henri Chopin (o poeta sonoro por excelência) abria a sua antologia sobre poesia sonora referindo que ela, a poesia sonora, é uma viagem — creio haver aqui um sentido já que, conhecendo a obra de Américo Rodrigues, arrisco dizer que nada aqui acontece por acaso e que a ordem das faixas é determinada por mais do que um simples lançamento de dados. Não deixa pois de ser curioso verificar, neste esboço hermenéutico que agora proponho, que “Declaração”, a faixa que, como já referi, encerra o disco, surja depois de duas outras faixas “O significante e o significado (narrativa do povo imaginário Atzigui)” — mais uma marca da

Teoria Linguística neste trabalho, desta vez num gesto irónico a apontar para Saussure,— e “Vocalínes (poesia vocal com línices; in memoriam Élia Fernandes)”, de sonoridade absolutamente selvagem, animal, e que estas duas faixas surjam ainda após duas outras, de temática pouco comum, note-se, na poesia sonora, “Terror”, de contornos e sonoridades sombrias e lúgrubas, e “A morte é uma”, este último um poema a duas vozes, a dois tempos, constituído por frases incompletas. Repare-se ainda que antes de “Atraczug”, a faixa para Isidore Isou, que já referi, há “Contratempo”, título de outra faixa que também já referi, e que antes desta desta há “Reviravoltar”, uma das faixas com maior presença electrónica neste álbum, um verdadeiro lamento a lembrar o canto gutural. Portanto: Protesto-Lamento-Regresso\_à\_origem-Terror-Morte-Línguas\_imaginadas-Declaração de Princípios.

Parece sugerir-se que só essa descida a uma morte, que pode ser a da linguagem ou algo da ordem do simbólico, liberta verdadeiramente. Talvez seja a minha vontade de encontrar um sentido em tudo isto, sabemos que as interpretações valem o que valem e que a poesia sonora anseia por lhes fugir. Não vos disse ainda que o tema deste ano do Dia Mundial da Escuta é “A trama do tempo”. Talvez, é uma ideia que fica no ar, este *AcTO da FALha*, esconda algo de biográfico, de narrativo, algo da ordem do diarístico, um diário de bordo triturado, desarrumado, trans-formado pela máquina disruptiva dos efeitos da poesia sonora, sobre estes seis anos que passaram entre o anterior trabalho de Américo Rodrigues, editado em 2018, e este que agora motiva o nosso feliz encontro. Cabe-nos a nós, a vocês agora, embarcar nesta viagem, descobrindo-lhe os contornos, os sentidos, a rota, e, a haver um, o destino.